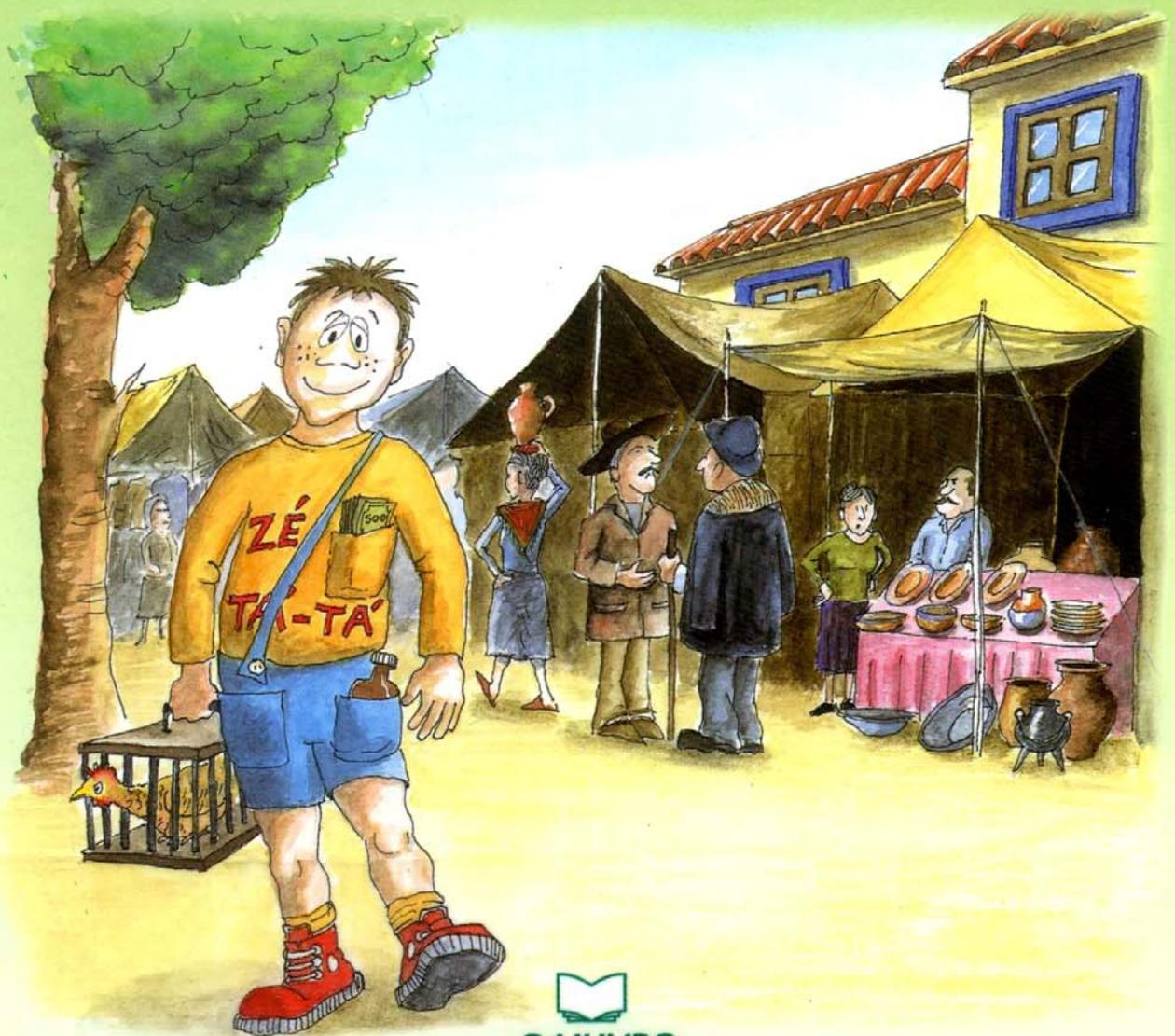


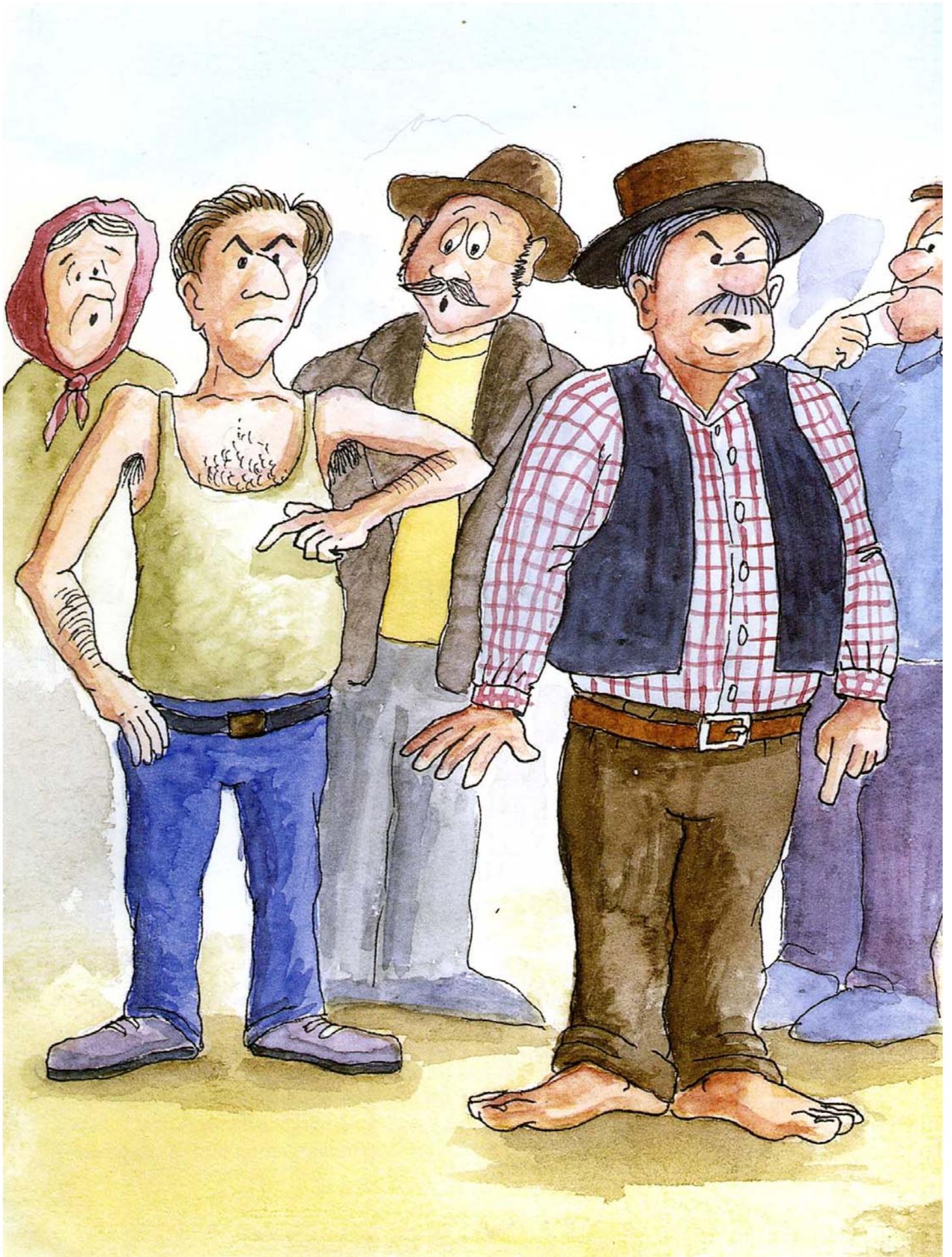
José Vaz

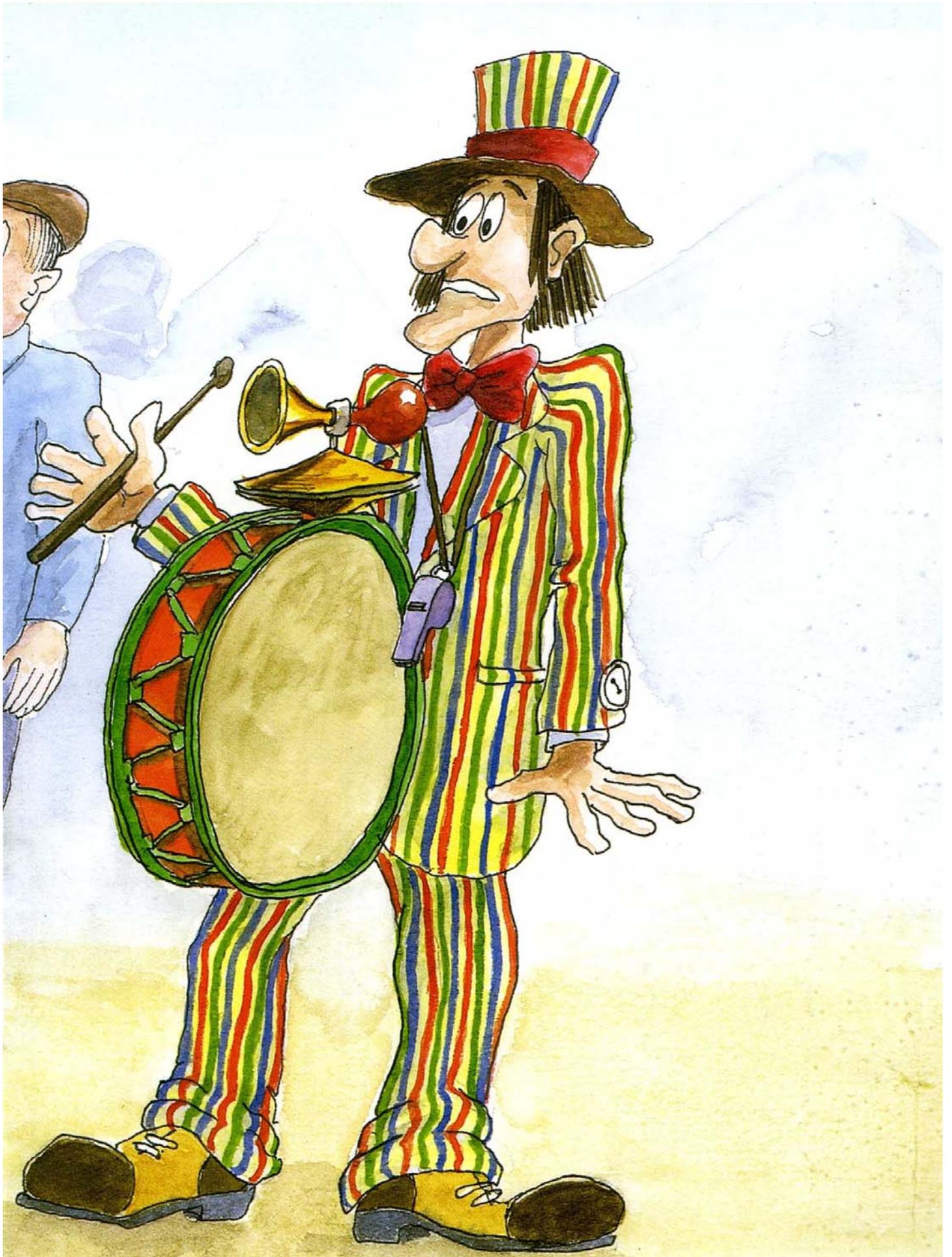
Na Feira dos Malandrecos

Ilustração de Adelino Barroso



GAILIVRO





Ficha técnica

Título – NA FEIRA DOS MALANDRECOS

Autor – José Vaz

Editor – Edições GAILIVRO Lda.

Direcção Editorial – Maria da Encarnação Afonso

Ilustração – Adelino Barroso

Coordenação – Vítor Alves

Design e Fotocomposição – Gabinete design GAILIVRO

Fotolito – GAILIVRO

Impressão e acabamento – EIGAL

2001 Edições GAILIVRO Lda.

Reservados todos os direitos.

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra por qualquer meio (fotocópia, offset, fotografia, etc.).

1ª Edição 1ª Tiragem

ISBN – 972-8473-79-6

Depósito Legal nº 162 925/01



Rua Industrial de S. Caetano, 99

Telefs. 22 711 60 13 – 22 712 62 23 – Telefax 22 712 29 74

4405 – 191 Canelas VNG

Colecção Ilha Mágica

*“... teatro para a infância é um espaço mágico,
cercado de vida por todos os lados...”*

NA FEIRA DOS MALANDRECOS

José Vaz



TEATRO PARA CRIANÇAS E JOVENS

PERSONAGENS



Tiana



Zé-Tá-Tá



Riscadinho



**Falso Ceguinho /
Reguila**



Rapariga



Faquir



Espectadores



Mister Patuá



Músico Trafalha



Fana / Fino / Fiúza



Encantador



Feirantes e visitantes

AMBIENTE CÉNICO

Uma feira de aldeia. Tendas onde se vendem panos, sapatos, chouriços, panelas, objectos de olaria, etc. Uma máquina de fotógrafo com tripé e o tradicional retrato de corpo sem cabeça. Este retrato tem, dum lado, uma mulher e do outro, um militar (general). O ambiente é alegre e colorido.

Feirantes e visitantes

Os feirantes estão vestidos com roupas do seu ofício. Os visitantes, homens e mulheres, trajam roupas populares. Os feirantes e os visitantes podem utilizar instrumentos de trabalho ampliados (metro, banca de sapateiro, faca de talhante, enxada, cestos, varas, etc.).

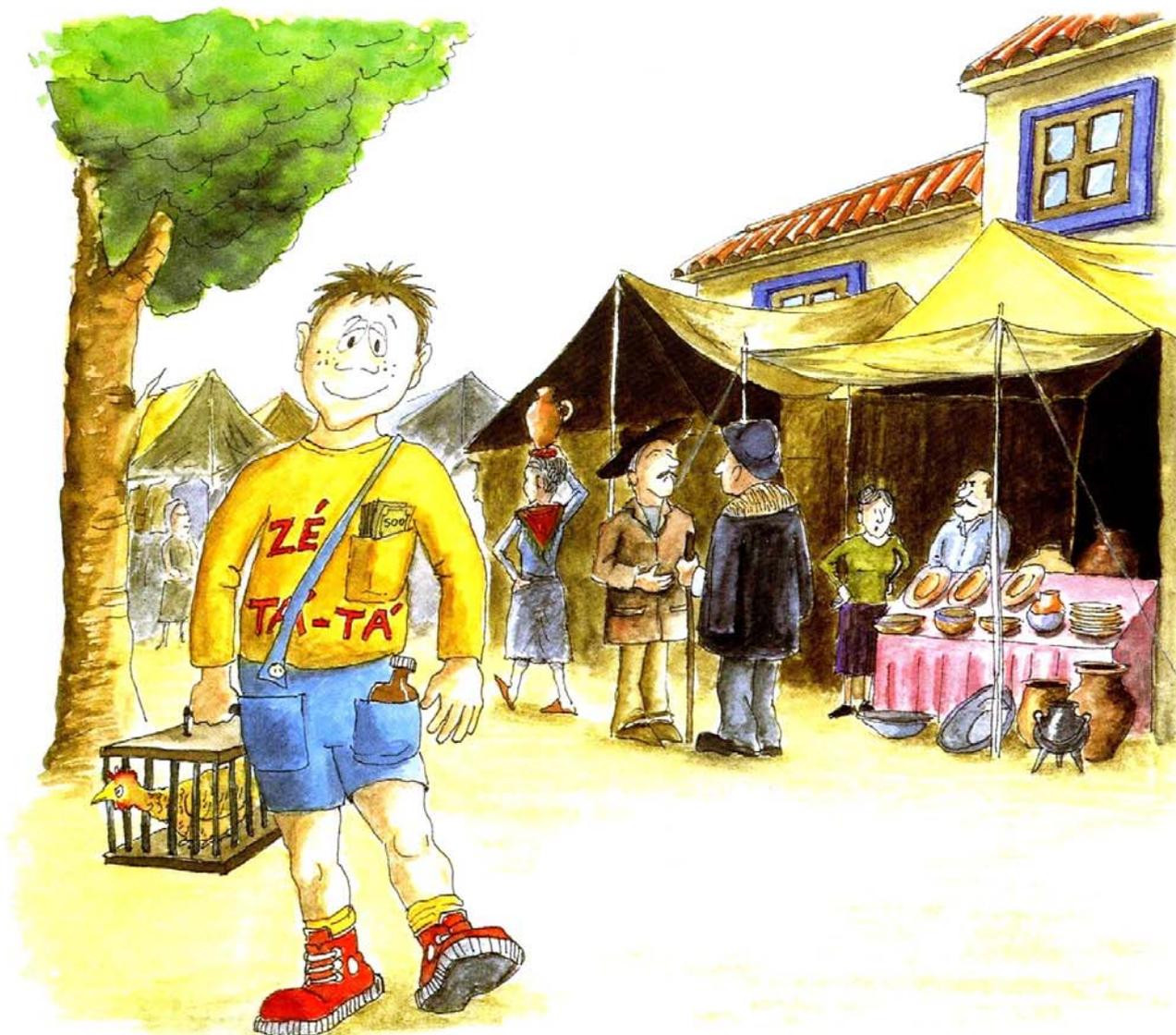
Falso Ceguinho

*Está a um canto. Tem óculos escuros e um coco onde os visitantes ou feirantes vão deitar algumas moedas que ele, de vez em quando, confere. Tem um letreiro com letras bem visíveis, com os seguintes dizeres: **“Não vejo nada – ceguinho seja eu se vejo”**.*

TIANA – *(Mãe do Zé-Tá-Tá. Entra apressada. Atravessa o palco. Vai para sair e repara no público.)* – Ai meninos, que estou aflita! Dei um conto de réis ao meu Zé para comprar uma garrafa de óleo de fígado de bacalhau, agulhas e uma galinha e ele não há meio de aparecer. Se calhar perdeu o dinheiro ou fez asneira. Que martírios passo com este rapaz! Vai para três anos que está na terceira e não há meio de passar de classe. Bem me diz a professora: “O Zé está sempre de nariz no ar a inventar brincadeiras. Lá fino é ele! Mas ler, escrever e contar...”. Vejam lá, outro dia fui dar com ele a cheirar os lírios, a falar com as rolas e a correr atrás das borboletas. Depois fica assim... meio pascácio a olhar as nuvens, ri-se sozinho e brinca com os catraios mais pequenos. Onde é que já se viu um matulote, de treze anos, a fazer destas coisas?! Eu até ando envergonhada, porque, lá no lugar, ele tem fama de tolinho. Até já me disseram para o levar ao médico das cabeças... ao “psiatra” porque o rapaz é distraído e não é meio fixinho. E depois faz-me cada uma que não vos digo nada! Outro dia mandei-o ir à venda comprar um quarto de café, um quartilho de azeitonas e cinco quilos de batatas. Como é meio esquecido, disse-lhe para repetir o recado pelo caminho. E lá foi ele a dizer: – um quarto de café... um quartilho de azeitonas... cinco quilos de batatas... um quarto de café... um quartilho de azeitonas... cinco quilos de batatas... Sabem o que me trouxe? Sabem? Cinco quilos de café, um quartilho de vinho e um quarto de batatas... Café tenho para três anos. As batatas eram duas e nem chegaram para a ceia. Como lhe dei uma tigela para as azeitonas, deitou-lhe vinho dentro e chimpou metade pelo caminho. Bem, vou ver se o encontro. Se ele aparecer por aí, fazem-me um favor? Fazem? Digam-lhe que ando à procura dele.

(Sai)

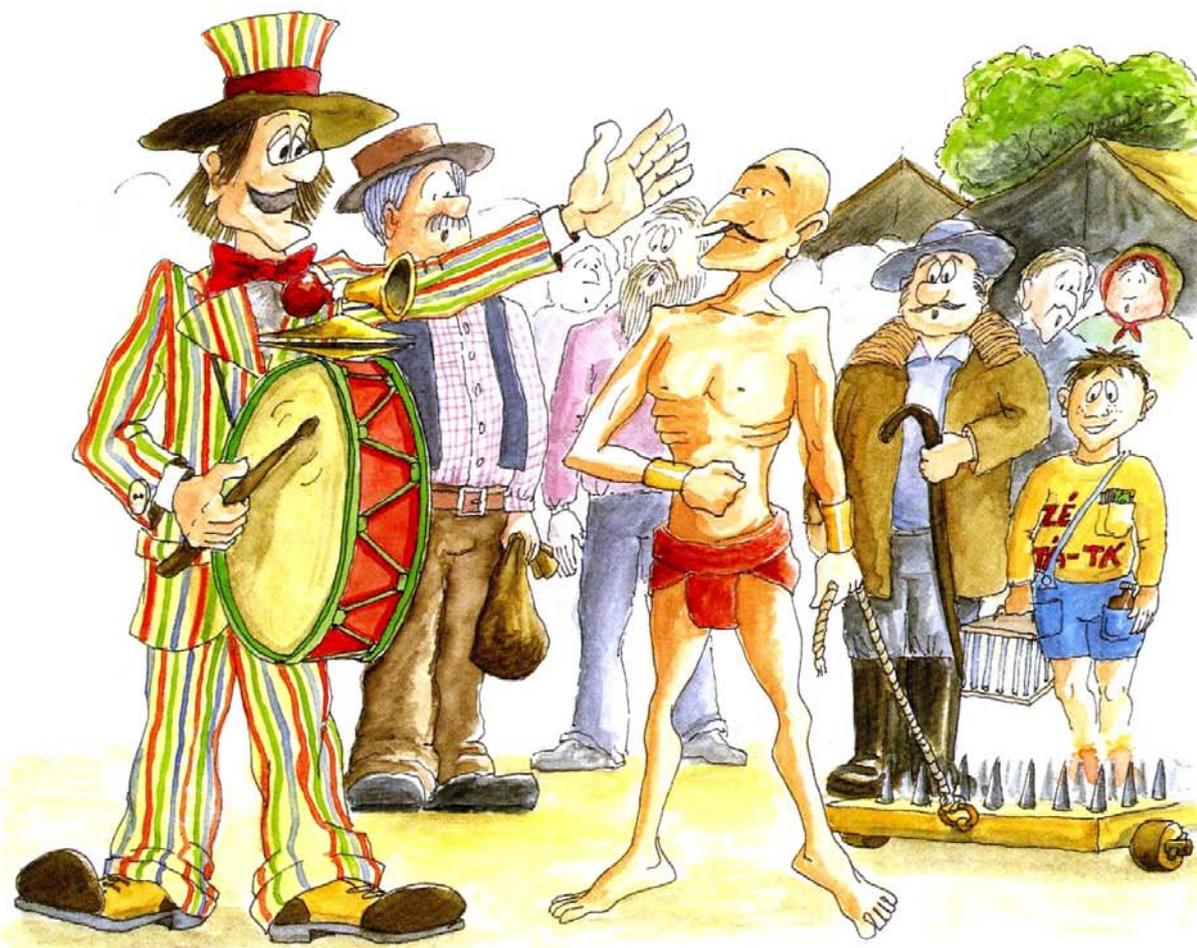




ZÉ-TÁ-TÁ – (Entrando. Calção com uma alça. Camisola com o nome Zé-Tá-Tá. No bolso da camisola traz, à vista, uma nota de quinhentos escudos e um volumoso maço de cromos. No bolso do calção, traz uma garrafa e, dentro de uma gaiola, um frango. Ar sorridente, anda a passear pela feira. Entretanto, a feira anima-se.)

RISCADINHO – (Tipo de palhaço com roupas às riscas. Traz vários instrumentos: um tambor, uns pratos, uma gaita, um apito, um assobio e umas castanholas. É ele que anuncia as proezas dos Malandrecos. Entra a tocar tambor.)

– Atenção, pessoal! Cavalheiros! Madamas e catraios! Eis o Faquir da Índia, Indiota de nome, mora na Indianópolis e é filho da Indianabiça. Vai demonstrar, por A mais B, como se dorme tranquilo numa cama de pregos de meia galeota. É formado em Ferramentalogia pela Universidade dos Ferramenteiros. Para dormir regalado em cima dos picos não precisa de pastilhas! Não precisa de erva cidreira, nem de chá de marmeleiro! Vamos assistir à maravilha! Silêncio! Vai entrar o Faquir! (Rufa o tambor.)



FAQUIR – *(O Faquir entra em passo majestoso, puxando um estrado com rodinhas, com espetos de espuma colados. Os Feirantes fazem roda. Apalpa o braço e mima o espetar de um fio de aço. Ouvem-se exclamações de assombro e de arrepió. O Zé-Tá-Tá está feliz e encontra-se no meio da multidão.)* – Minha pelota ser de borracha! Não sentir dor nem comichão. Eu, Faquir, morar na terra dos trigues. Mim ser pastilha elástica deles quando andam nervosos. Não gostar de colchão fofinho. Gramar cama de pregos. Faquir dormir regalado e sonhar com borboletas azuis às pintinhas. *(Deita-se. Toda a gente faz ab!. Aplaudem. Segundos depois, o Faquir levanta-se para agradecer as palmas.)*

ZÉ-TÁ-TÁ – *(Tira uma agulha da camisola e tenta a cumplicidade do público.)* – Pico nele? Se dorme nos pregos não sente o pico da agulha. É devagarinho! ... só um piquinho! *(Pica o Faquir.)*

FAQUIR – *(Fazendo um estardalhaço.)* – Que dor! Ai que me piquei!

FEIRANTES – Intrujão! Mentiroso! Pele de borracha, hem!?! *(Risos.)*

FAQUIR – *(Envergonhado, dirige-se ao Riscadinho, a choramingar. Este põe-lhe uma grande cruz de adesivo na picadela. Sai.)*

RISCADINHO – *(Toca pratos e anuncia.)* – Ele vem aí! Ele vem aí! O homem que mete medo aos bichos... Já adormeceu um leão! Fez cócegas a um rinoceronte! Pôs a tremer um elefante e deu a volta à barriga de um jacaré. E mais, faz dançar todas as cobras e lagartos.

ENCANTADOR – *(Vem vestido de indiano, com turbante. Traz uma flauta, um tapete e um cesto de vime. Dirige-se aos feirantes que se aproximam.)* – Para trás! Para trás! Dentro deste cesto está a bicha mais perigosa, mais venenosa, mais raivosa do mundo. Uma simples dentadinha faz esticar o pernil ao mais forte dos mortais.

(Fanfarronando.)

Mas comigo o caso muda de figura. Ai muda, muda. Ao som da minha flauta, a cobra venenosa dança tudo o que eu mandar. Sim, porque eu meto meeedooo... meee... dooo... aos bichos!

(Estende o tapete no chão, coloca o cesto em cima e senta-se de pernas cruzadas. Começa a tocar flauta indiana, mas o cesto não se abre. Pára de tocar.)

Mas que falta de respeito! Estamos na hora do expediente, a clientela à espera, e ela a dormir a sesta na cesta. Parece impossível! Deixa-me despertá-la de mansinho, senão acorda de rabo para o ar, desata para aí à ferradela e faz mais mortos que a bomba atômica. *(Inclina-se para a cesta e canta uma cantiga de embalar. Pode aproveitar para engatar um fio de nylon que vem dos bastidores e que vai servir para engatar na cobra. Recomeça a tocar a flauta e a cobra dança uma valsa, um fado e um rock.)*

FEIRANTES – *(Manifestam o seu assombro. Batem palmas. O Encantador agradece e a cobra também.)*

ZÉ-TÁ-TÁ – *(Pega na gaiola com o frango, bate nas costas do Encantador e diz huuu!... Este assusta-se, começa a tremer e refugia-se junto do Riscadinho, que tenta confortá-lo.)*

FEIRANTES – *Medricas! Ora vai-te e leva a tua minhoca bailarina! (Risota.)*





RISCADINHO – *(Toca uma gaita. O toque tende a imitar um clarim.)* – E agora o mais espectacular! O maior aldrabão! O grande “regador”! O fenomenal mentiroso! Manda muita “letra”! Tem muita treta! E vai demonstrar como se arranja uma namorada!

RAPARIGA – *(Jovem, toda gaiteira, entra de cesta com flores ou hortaliça. Dentro do cesto tem um saco com farinha.)*

REGUILA – *(O falso ceguinho tira os óculos para apreciar a “beleza” que passa. Levanta-se, tira o letreiro, apruma-se, arranja-se e dirige-se todo “galã” à moça.)* – Olá, flor! Não queres falar com o general?

RAPARIGA – *(Olhando de soslaio.)* – Tu, General!

REGUILA – Sim, malmequer, sou o chefe dos magalas do meu regimento.

RAPARIGA – E o que é que lá fazes?

REGUILA – O que é que eu faço?... O que é que eu faço?... Mando nas tropas.

RAPARIGA – Mandas, como?

REGUILA – Digo assim: todos para a esquerda! E tudo vai para a esquerda! Todos para a direita! E tudo vai para a direita.



RAPARIGA – Só fazes isso?

REGUILA – Só faço isso?! Não. Também ponho uns atrás dos outros, todos certinhos, a bater com os pés no chão.

RAPARIGA – E como é que sei que tu és General? Não tens farda nem capacete!

REGUILA – *(Tira uma grande fotografia em que o corpo é de cenário e a cabeça é a dele. A rapariga admira o retrato e o Reguila fica todo vaidoso.)*

RAPARIGA – Lindo!

ZÉ-TÁ-TÁ – *(Entretanto tinha ido para o lado do fotógrafo “Laminuta” e volta ao cenário mostrando o corpo do “general” pintado.)*

RAPARIGA – *(Entretanto, repara no cenário. Olha a fotografia e o Reguila. Fica furiosa e enfia-lhe o saco da farinha pela cabeça abaixo.)*

REGUILA – *(Todo enfarinhado, bufá e sai.)*



RISCADINHO – *(Toca o apito.)* – Chiu... Chiu... Cautela! Olho aberto! Vêm aí os três efes. Especialistas em fananços! As marabuntas do pifanço! Por onde passam deixam tudo no osso. Cautela com a roupa, carteiras, relógios, anéis e sapatos. Têm mãos tão leves, tão leves que, num abrir e fechar d’olhos, tudo desaparece e vai parar ao fundo da “sacana” do bando do Fino, do Fana e do Fiúza.

ESPECTADOR – Ai, ai que me pifaram a camisa!

RISCADINHO – Já? Eu não vos disse, eu não vos disse?! São eles! Uma praga! Uma autêntica razia.

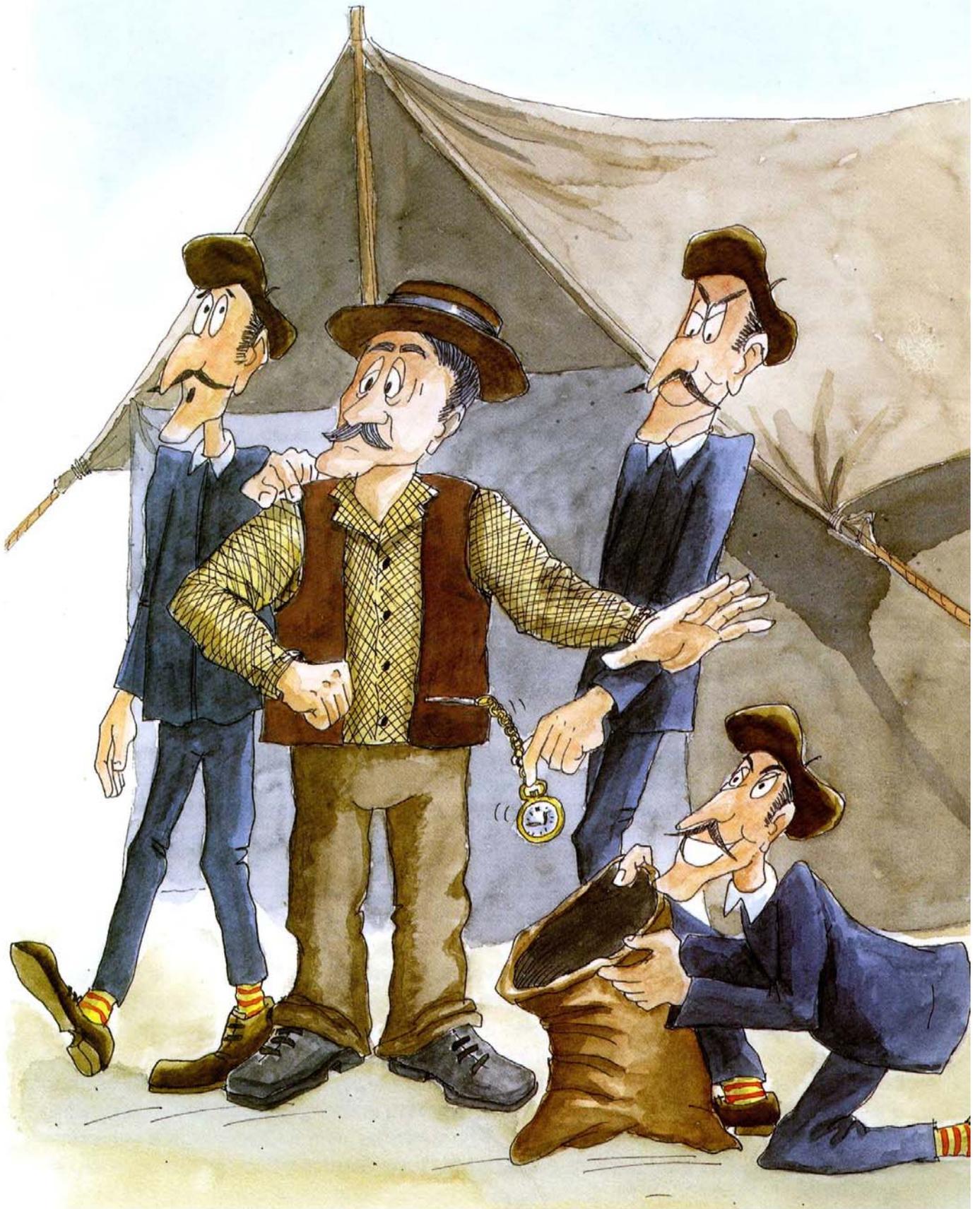
OUTRO ESPECTADOR – Ó Riscadinho, fanaram-me os meus sapatos!

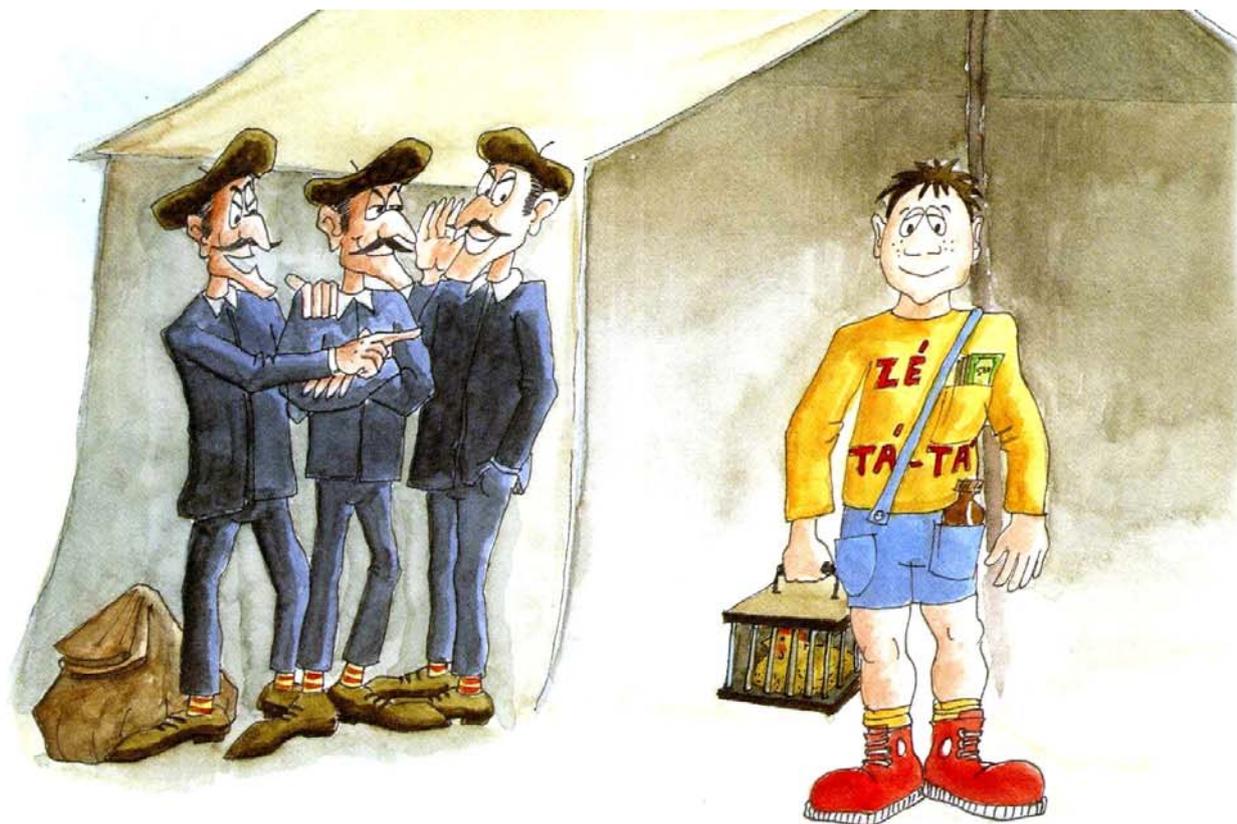
RISCADINHO – E não deste por ela?

OUTRO ESPECTADOR – Eu tinha-os calçados e eles tiraram-mos dos pés sem eu dar por nada. Até parece mentira!

RISCADINHO – Que mãozinhas leves...

FANA, FINO E FIÚZA – *(Três vigaristas/ladrões. Roupa igual. Bigodes. Ar de rufias. Trazem um grande saco: a “sacana”. Entram. Um traz a “sacana”, o outro uma camisa e o terceiro, uns sapatos. Começam logo o trabalhinho. Roubam os artigos em exposição. Usam a seguinte técnica: batem nas costas dos transeuntes e, enquanto estes se voltam, um deles rouba-lhes qualquer coisa. Antes de meterem os objectos roubados na “sacana”, exibem-nos aos espectadores. Também roubam os instrumentos ao Riscadinho.)*





FANA – *(É o chefe. Começa a farejar.)* – Hum, hum, que cheirinho a dinheiro fresco! *(Repara na nota de quinhentos escudos no bolso do Zé-Tá-Tá.)* *(Para o Fino e para o Fiúza.)* Rapazes! Reunião de emergência!

FINO – Pre... pre... sente, meu capitão! *(Perfilá-se.)*

FIÚZA – Eu já marquei o ponto, chefe! *(Perfilá-se.)*

FANA – Confrades, o meu olfacto fareja euro, pilim, grana, graveto, muito dinheiro. Vou planificar, programar, ensaiar o golpe. Atenção às instruções: vamos embrulhar um pato no conto do pacote! Está entendido? Fino, repete lá as instruções.

FINO – É... simpli... pli... pli... císsimo, chefe: vamos embrulhar o pacote no conto do pato.

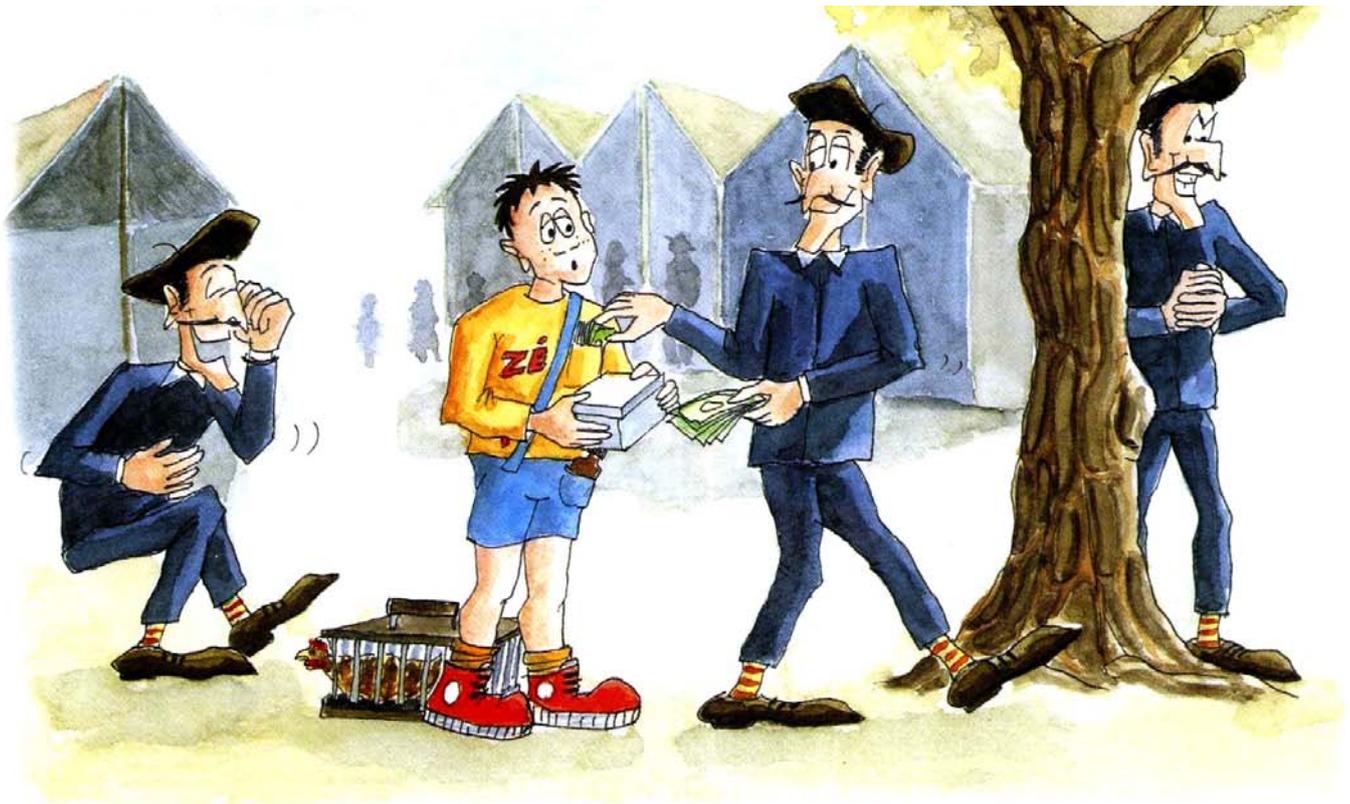
FANA – *(Dá-lhe um tabefe.)* – Nada disso, morcão! Repete tu, Fiúza!

FIÚZA – É claríssimo como água. Quer ver como eu sei, quer ver? Vamos embrulhar o conto no pacote do pato! Disse bem, chefe?

FANA – *(Dá-lhe um tabefe.)* – Seu burro! Vamos repetir todos.

FIÚZA, FANA E FINO – Vamos embrulhar um pato no conto do pacote!

FINO – Ó... Ó... Ó... chefe, agora é que eu sei tudo! Vamos pôr o pacote no conto do embrulho!



FIÚZA – Ah! Agora já percebi! Vamos pôr o pacote embrulhado no pato do conto!

FANA – Barraca! Vai dar barraca! *(Para o Fiuza.)* Bem, tu fazes de ricaço que deixa cair o embrulho. *(Para o Fino.)* E tu vais falar com o “pato” quando ele encontrar o pacote no chão.

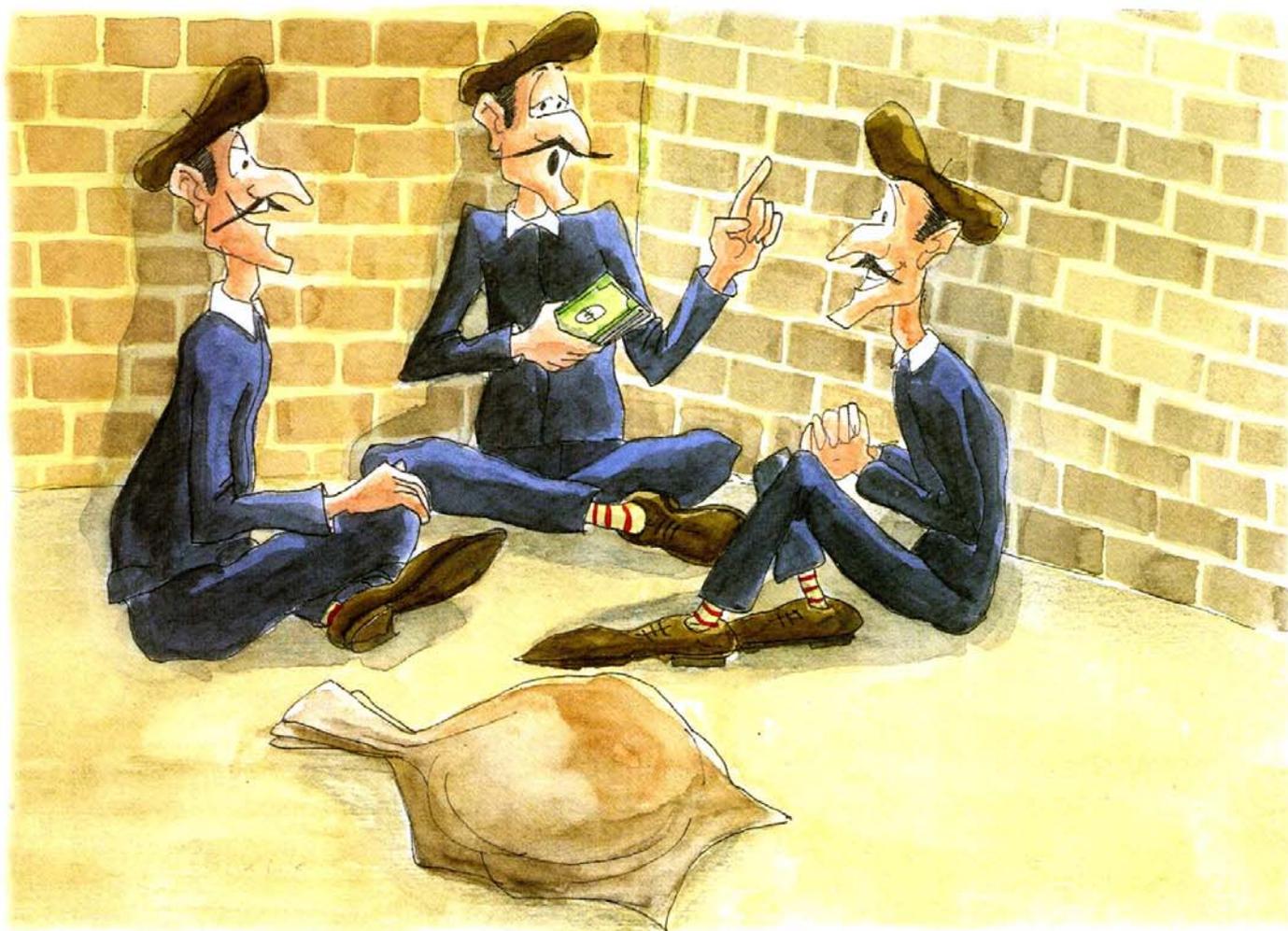
FINO – E... e... e o chefe, o que é que faz? Não faz nada? Somos só nós a trabalhar?

FANA – *(Aparte.)* – Quereis ver que a formiga já tem catarro? *(Alto, com autoridade.)* Onde é que já se viu um reles funcionário fazer perguntas ao chefe? Um chefe pensa, os subordinados fazem sem pensar; assim é que é. E, de mais a mais, faço de tesoureiro e fico com a “sacana”. Acabemos com a conversa e vamos à produção. *(Tira da “sacana” uma caixa de sapatos e dá-a ao Fiuza.)*

FIÚZA – *(Passa pelo Zé-Tá-Tá e deixa cair a caixa de sapatos.)*

ZÉ-TÁ-TÁ – *(Reparando na caixa.)* – Que bonito! *(Pega nela e abana-a.)* Devem ser uns sapatos.

FINO – *(Todo salamaleques.)* – Meu pre... pre... preclaríssimo e excelentíssimo jovem, esse pacote tem muito dinheiro. Cento e sessenta contos de réis. O homem que o perdeu é muito ricaço. Eu conheço-o muito bem. Tem tanto dinheiro, tanto, que, à noite, quando perde cinco tostões, deita logo o fogo a uma nota de mil para ir à procura da c’roa. *(Muito nervoso e atabalhoado.)* Vamos fazer um negócio? Eu dou-lhe cinco contos e o embrulho e o estimado amigo dá-me todo o dinheiro que tiver, está bem? Olhe, eu tenho de ir apanhar o comboio. Adeus! *(Tira a nota de quinhentos escudos e o maço de cromos do bolso do Zé-Tá-Tá e dá-lhe os cinco contos.) (Vai ter com o resto da quadrilha.)*



ZÉ-TÁ-TÁ – *(Fica com a caixa e os cinco contos de réis na mão a olhar para onde foi o Fino. Conta o dinheiro e guarda-o no bolso. Abre a caixa dos sapatos e vê se estes lhe servem nos pés.)* – **E servem.** *(Encolhe os ombros.)* Negócio é negócio!

FANA, FINO E FIÚZA – *(Reúnem-se a um canto.)*

FANA – Então?

FINO – Foi tri... tri... trigo limpo. Caiu que nem um anjinho. Cá está o maço das notas. *(Exibe-o.)* Devem ser para aí uns cem contos.

FIÚZA – Vamos repartir uma para mim... uma para ti e outra para o chefe... uma para mim... uma para ti... e outra para o chefe...

FANA – *(Com autoridade, pegando na nota de quinhentos escudos junta ao maço de cromos.)* – O Tesoureiro sou eu. E agora, segundo as normas internacionais, deve-se conferir o dinheiro, à boca da caixa. *(Confere o dinheiro e dá pelo engano. Arregala os olhos e fica meio pálido.)* O quê!? O quê!? Ai que não estou bom! Vai-me dar o beribéri... ai...s *(Desmaia.)*

FIÚZA – Que foi, chefe? Ó, rico chefe, acorde! *(Dá-lhe umas palmadinhas no rosto.)*

FINO – *(Aparte.)* On... On... onde é que já se viu dar o chilique a um chefe? Deixa-me mas é aproveitar a maré, para me desferrar. *(Dá-lhe uns tabefes.)* Não é só ele a molhar a sopa em mim. Chegou a minha vez! *(Mais tabefes.)*

FANA – *(Levanta-se e arregala os olhos.)* – Quem foi o estúpido que me bateu quando estava com o fanico?

FIÚZA – *(A tremer.)* – Fui eu chefe. Mas dei-lhe devagarinho. Era para ver se o chefe ficava bom. Sabe, eu gosto muito do meu chefinho. *(Sentenciando.)* Chefe é sempre chefe, mesmo quando está a dormir em cuecas!

FANA – *(Colérico, insulta a quadrilha sem que esta perceba qual a razão.)* – Camelos!... Camelões!... Caranguejos!... Caracóis!... Cágados!... Canastreiros!... Já nem sei o que digo... *(Sem alento.)* Nós, os vigaristas, fomos vigarizados. Só uma nota de quinhentos paus e o resto... cromos de futebol... *(Mostra ao público e choram todos encostados uns aos outros. Saem.)*





RISCADINHO – *(Procurando os instrumentos.)* – Ninguém diga que está bem. Já me fanaram os instrumentos. *(Pergunta.)* Viram quem mos pifou? E agora? Um artista sem ferramenta não presta. Como vou anunciar os malandrecos que faltam?

ZÉ-TÁ-TÁ – Assobia. Não sabes assobiar?

RISCADINHO – Eu sei, mas é só com um assobio de barro.

ZÉ-TÁ-TÁ – Eu ensino, é assim! *(Assobia.)*

RISCADINHO – *(Tenta, mas só sai ar.)*

ZÉ-TÁ-TÁ – Só bufas? Assim! *(Assobia.)*

RISCADINHO – *(Tenta uma vez mais, mas não consegue.)* – Não consigo.

ZÉ-TÁ-TÁ – Porque não pedimos aos meninos para darem uma ajuda?

RISCADINHO – Boa, é isso! Vamos lá: uma, duas, três! Assobiar! *(Espera que as crianças assobiem.)* Outra vez! Muito bem! Agora já posso anunciar! *(Anuncia.)* Excelentíssimo público! O mais incrível, o mais inacreditável! O homem que não tem sete, nem seis, nem cinco, nem quatro, nem três, nem dois! Só tem um instrumento! Dele consegue arrancar sons mágicos. Ele aí está! O músico Trafulha!



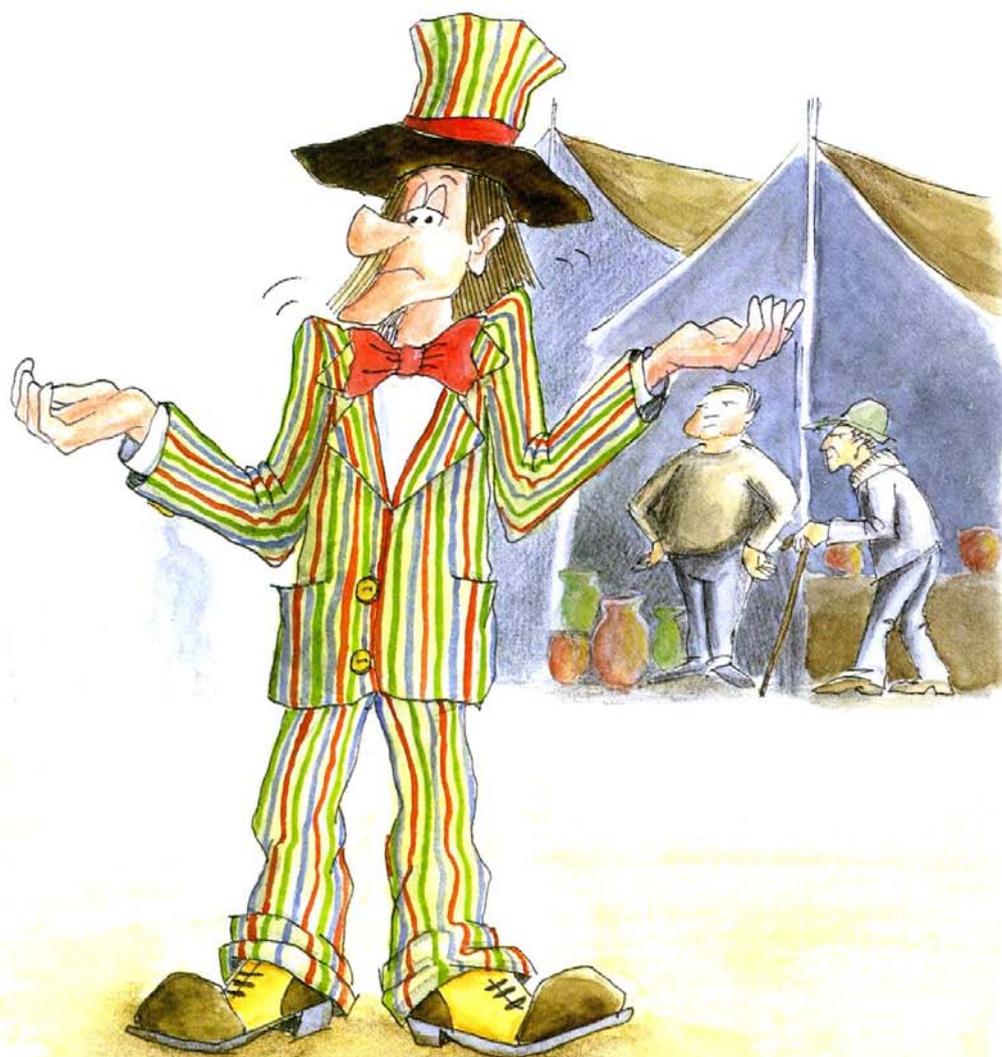


MÚSICO TRAFULHA – *(Grande bigode. Entra com uma grande tuba de enfiar no ombro. Dentro da campânula está um pequeno gravador.)* – Nem Beethoven, Mozart e outros conseguiram o que eu consigo. Com o meu instrumento mágico não preciso de orquestra. A orquestra está lá dentro. Senhoras e Senhores, vão ouvir o som doce da flauta, o som celestial do violino, o som majestoso do trompete e o som alegre do trombone. *(Pega numa batuta e fala para o instrumento.)* Estão prontos! Um, dois, três! *(Mima o tocar de tuba. Ouvem-se sons gravados dos instrumentos mencionados atrás. Exclamações dos transeuntes.)*

ZÉ-TÁ-TÁ – *(Vai pôr o ouvido dentro da campânula. Entretanto, mete o braço e retira o gravador. Ouve-se apenas o som do pequeno gravador. Vai para o canto ouvir.)*

FEIRANTES – Trafulha! Pega! Toma! *(Dão-lhe com hortaliças e agarram-no pelas calças, que rebentam e deixam à mostra umas enormes cuecas coloridas.)*

MÚSICO TRAFULHA – *(Dirige-se ao Riscadinho, que lhe dá umas palmadinhas nas costas.)*



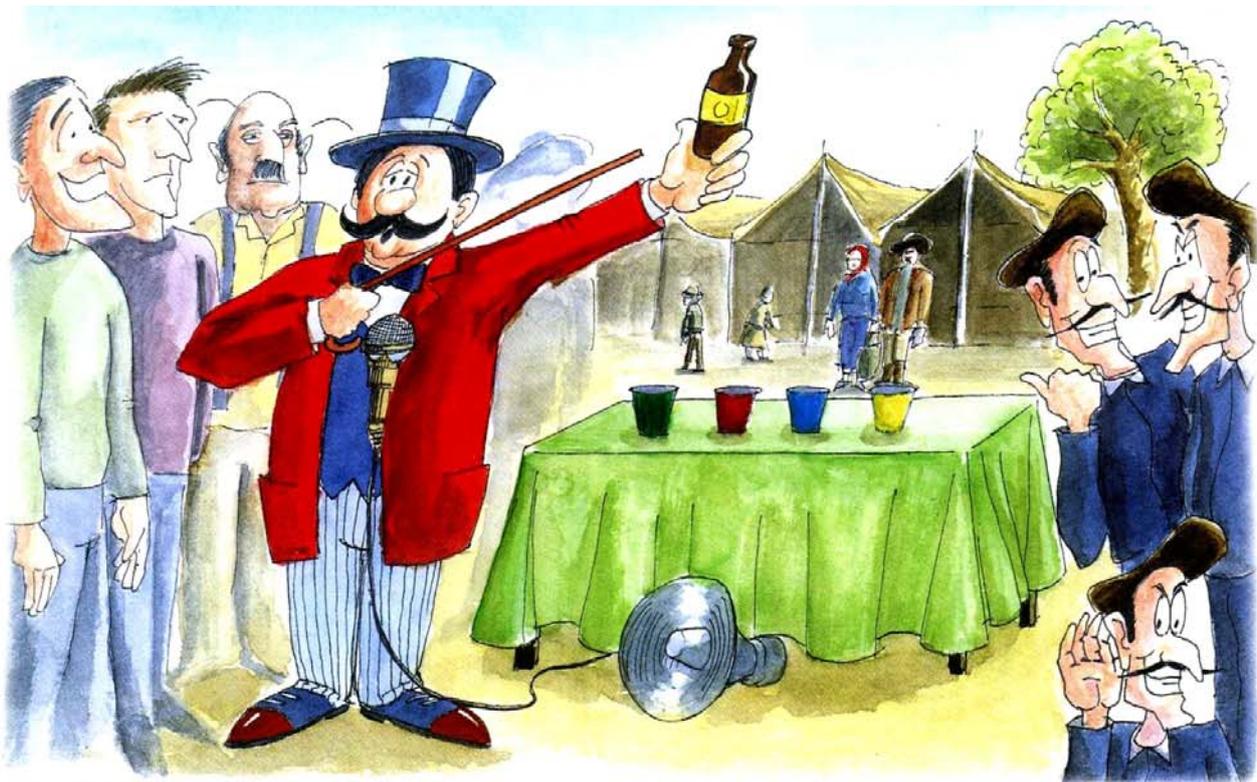
RISCADINHO – Pronto! Estou outra vez desarremediado! Agora faltam-me as castanhas.

ZÉ-TÁ-TÁ – Tudo tem remédio. Os meninos desenrascam-te, Riscadinho.

RISCADINHO – Como?

ZÉ-TÁ-TÁ – Batem com as mãos e fazem de castanhas. Assim! *(Bate palmas ritmadas.)*

RISCADINHO – É isso! Não sei como não me lembrei disso há mais tempo. Vamos lá. *(Tenta que as crianças batam palmas ritmadas.)* Já chega. Agora o mais mirabolante de todos, o homem que vende gato por lebre, cão por cabrito. Tem remédio para todos os males possíveis e imaginários. Hoje traz-nos a banha da cobra para a inteligência.



MISTER PATUÁ – *(Entra com a sua quitanga. Esta compõe-se de uma mala comprida que, aberta, forma uma mesa. Em cima dela coloca vários copos de plástico coloridos. Traz um “micro” ao pescoço.)* – Senhoras e Senhores, sabem porque não somos mais inteligentes? Sabem? É claro que não sabem, pois não? Sei eu. Eu sei tudo desde que descobri um elixir que faz as pessoas muito, muito inteligentes. A minha importante descoberta transforma os patetas, os palermas e os burros em espertalhões e finórios. Mas isto ainda não é nada. Quem beber deste remédio que eu descobri resolve todos os seus problemas e fica, em três tempos, rico, muito rico.

FANA, FINO E FIÚZA – *(Entram e ouvem o Mister Patuá a falar em “rico”. Abeiram-se dele.)*

MISTER PATUÁ – Vou explicar pelas causas mais científicas o mecanismo da inteligência. *(Bebe água.)* O nosso corpo é constituído por partes muito pequeninas. Dentro de cada uma delas existe uma autêntica fábrica que produz tudo o que precisamos para viver. Mas a inteligência só mora nas células cinzentas que habitam numa cidade chamada cérebro, que fica dentro da nossa tola. Para a inteligência ser mais inteligente é preciso que cada célula faça ginástica ao ar livre, assim... *(Faz movimentos de ginástica.)* Um... dois... um... dois... e se alimente de coisas puras e naturais. E ninguém poderá dar tau-tau nas células cinzentas. Se fizerem isso, escangalha-se a máquina, param os motores, a fábrica vai à falência e nós esticamos o pernil. A inteligência mede-se com um metro, chamado Q.I. Por isso, a minha sofisticada descoberta tem o nome científico de QIFINORUM, em português QIFINO. *(Anuncia.)* Se quiser ser ladino, aumente a sua inteligência, beba QIFINO! E não custa cem, nem setenta e cinco, nem cinquenta, nem vinte e cinco, nem vinte, custa apenas dez tostões o copo. Quem beber dois copos leva este lindo e útil objecto *(Mostra uma grande escova.)* para escovar as inteligências cheias de pó e teias de aranha.

ESPECTADOR – Ó mestre, dê cá um copo dessa coisa para ver se fico mais reguila.

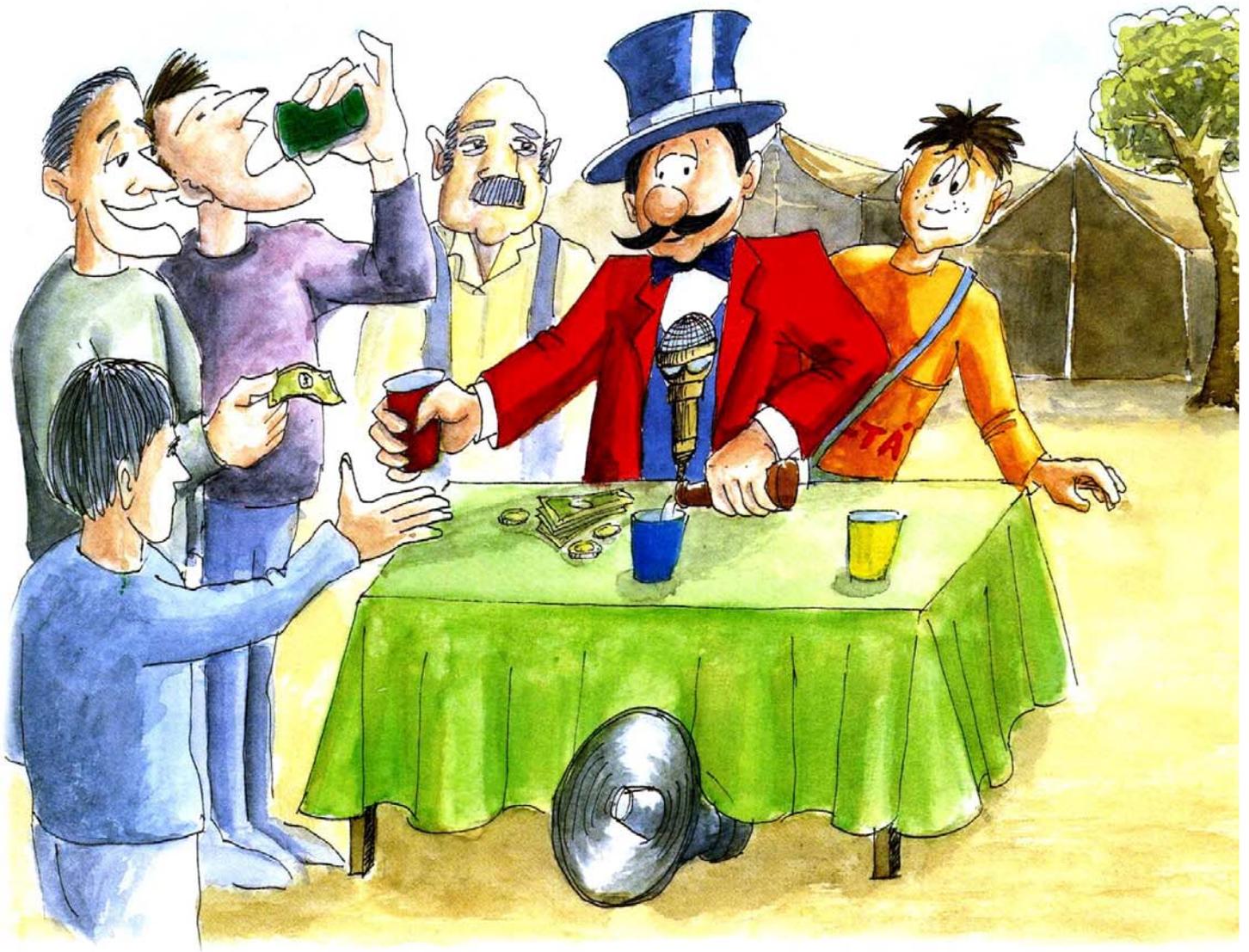
MISTER PATUÁ – Tome cavalheiro, e que lhe faça bom proveito!

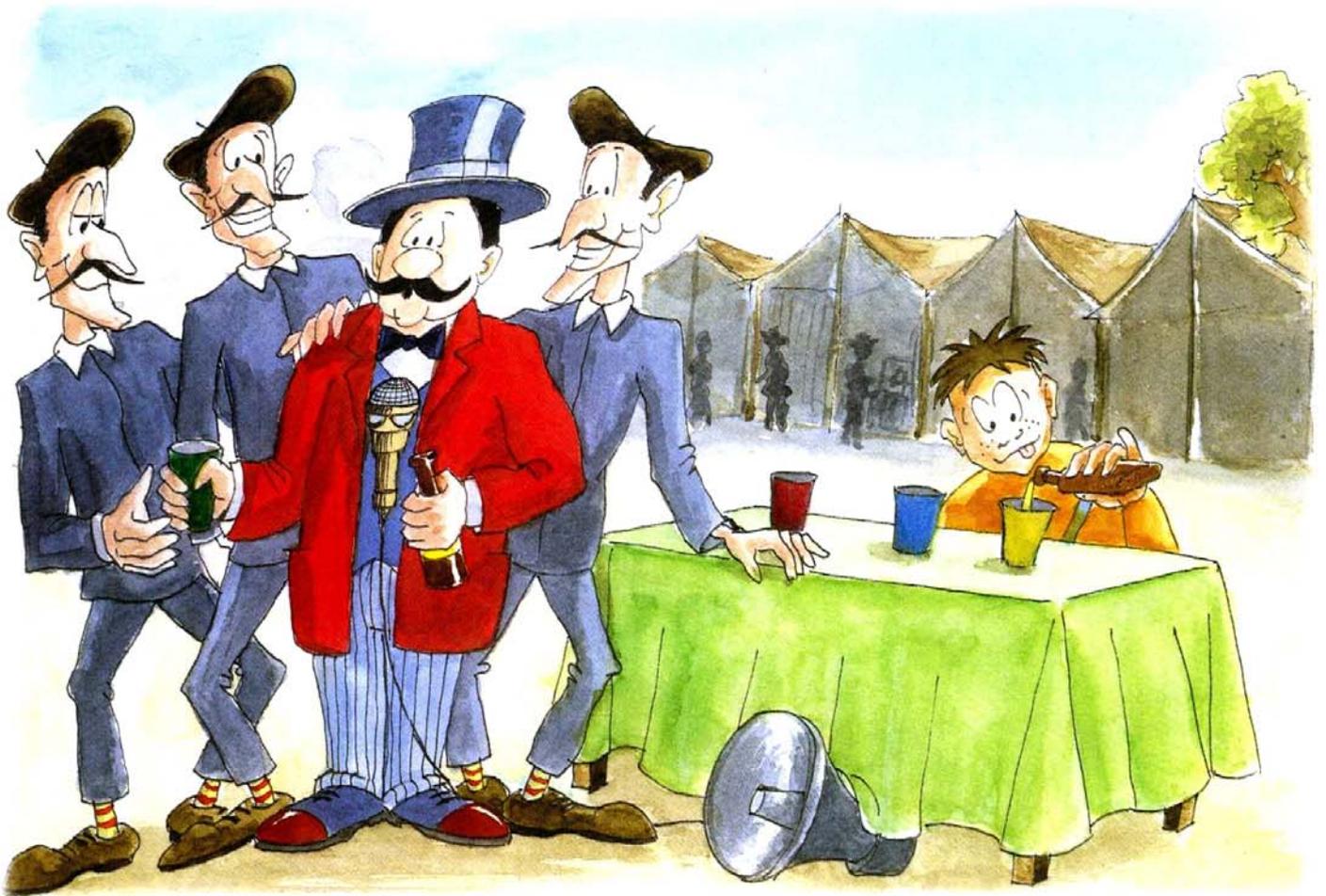
ESPECTADOR – *(Bebe.)*

MISTER PATUÁ – Então, já está fino? Quantos são trinta e seis vezes trinta e seis?

ESPECTADOR – Mil duzentos e noventa e seis!

MISTER PATUÁ – Certo! Bravo! Estão a ver meus senhores, estão a ver? Calculou mais rápido do que um computador da décima geração... *(Anuncia.)* Seja ladino, beba QIFINO! Mais um copo para ali. Calma, meus senhores, chega para todos.





ZÉ-TÁ-TÁ – *(Pega na garrafa de óleo de fígado de bacalhau que anda no bolso.)* – Isto, afinal, anda-me para aqui a estorvar. Já não faz falta nenhuma e também vos digo para tomar... *(Faz uma careta. Deita o óleo de fígado de bacalhau nos copos de Mister Patuá.)*

FANA – Eh, sócios, que estamos salvos. Temos a fortuna ao alcance das mãos. Com QIFINO, passamos a ser os super vigaristas. Seremos o terror dos parvos, levaremos à pincha o mais pintado e, além disso *(Para Fino e Fiúza.)*, acabarão as vossas azelhices, seus camelos!

FINO – *(Contente, para Fiúza.)* – Eh... Eh... Eh, pá, até já me sinto o super vígaro a voar... a voar...

FANA – Ó Mister, compramos tudo.

MISTER PATUÁ – Tudo?! Que açambarcadores! Espere aí, espere aí, que também preciso de recauchutar a minha inteligência. Vou beber dois copos seguidos enquanto arrumo a minha quitanga.



FANA – Passe para cá a mistela toda! *(Pega nos copos e bebem. Fazem caras feias.)* *(Para Fiúza.)*
Vamos lá ver se resultou. Como se chama o homem que vende hortaliça?

FIÚZA – Hortaliceiro! *(Para Fino.)* Um a zero.

FANA – *(Para Fino.)* – Como se chama o homem que faz mesas e bancos?

FINO – Car... car... carpinteiro! *(Para Fiúza.)* Um a um. Empatados.

FANA – *(Para Fiúza.)* – Como se chama o homem que faz sapatos?

FIÚZA – Sapateiro. *(Para Fino.)* Dois a um. Estou a ganhar.

FANA – *(Para Fino.)* – Como se chama o homem que vende carne?

FINO – É... é... carneiro!

FIÚZA – Perdeste! Ganhei! Dois a um.



FANA – Ainda não estamos OK. Toca a beber. *(Bebem.)*

FINO – Ó, chefe, agora sou eu a perguntar. *(Para Fana.)* Como se chama o homem que é sábio, muito sábio?

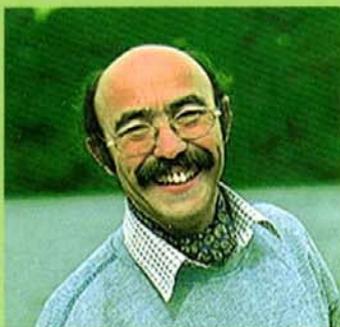
FANA – Isso é simples. Chama-se... chama-se... ora deixa cá ver... chama-se sabão! *(Atrapalhado.)* Ai que dores de barriga... ai... ai...



FINO E FIÚZA – *(Riem-se. De repente, também lhes dá a dor de barriga.)*

FANA, FINO, FIÚZA E MISTER PATUÁ – *(Mimam forte dor de barriga e procuram atabalhoadamente uma retrete. Correm de um lado para o outro. Nos bastidores, estão rolos de papel higiénico colorido que eles, na sua correria, vão desenrolando. De cima, também poderá cair papel. Os Feirantes riem-se a bandeiras despregadas.)*

FIM



Numa aldeia, vivia um rapaz chamado ZÉ-TÁ-TÁ. Era inteligente, amigo dos animais, falava com as plantas, assobiava para as nuvens e inventava brincadeiras mas, não gostava de aprender a ler, a escrever e a contar. Por isso, já andava há três anos na terceira classe. A mãe dele, a TIANA, estava preocupada porque toda a gente da aldeia dizia que o filho não era meio fixinho e tinha a fama de tolinho. Mas não era verdade o que diziam dele. O ZÉ-TÁ-TÁ até era muito finório. Um dia, a TIANA mandou o filho à feira comprar uma garrafa de óleo de fígado de bacalhau, agulhas e uma galinha e, depois...

Esperamos por si na internet



www.gailivro.pt

ISBN 972-8473-79-6



9 789728 473792

COLECCÃO ILHA MÁGICA

O Rei Lambão
O Mandarin Fi-Xú
Na Feira dos Malandrecos

A Publicar:

Onde está o Rei que acaba de nascer? (*Auto de Natal*)
A Carochinha Vaidosa e o João Glutão
A Princesa dos Pés Pretos
As Pulgas e a Preguiça
Tizé, Tizé e o Rato na Mánica
As Aventuras de Lin-Pó-Pó
O Circo das Mil Maravilhas